



Entre o Dogma e a Crítica: A Fé Cristã e o Milagre como Sinal Sobrenatural da Revelação Divina

Between Dogma and Criticism: Christian Faith and the Miracle as a Supernatural Sign of Divine Revelation

Autor: Pr. Marcelo Galhardo

Graduado em Teologia, no Seminário Sul-Americano Londrina

Graduado em Teologia no Seminário Batista de Londrina

Pós-graduado em Ministérios Urbanos, no Seminário Presbiteriano.

Resumo

Este artigo analisa o fenômeno do milagre sob a perspectiva da fé cristã protestante, buscando articular uma reflexão crítica e histórica que dialogue com filosofia, ciência e hermenêutica bíblica. Discute-se o milagre não apenas como ruptura aparente das leis naturais, mas como sinal sobrenatural que manifesta a soberania divina, sustentando a esperança e confirmando a revelação de Deus em Cristo. Ao revisitar contribuições de autores clássicos como Agostinho, Calvino e Kierkegaard, bem como de pensadores contemporâneos como C.S. Lewis, reafirma-se, ao final, a supremacia da Escritura como critério último de fé e prática. Conclui-se que o milagre permanece como evento real, ato de Deus que transcende a crítica histórica e científica, mantendo-se essencial à fé cristã.

Palavras-chave:

Fé; Milagre; Teologia Protestante; Crítica histórica; Soberania de Deus.

Abstract

This paper analyzes the phenomenon of miracles from the perspective of Protestant Christian faith, aiming to articulate a critical and historical reflection in dialogue with philosophy, science and biblical hermeneutics. It considers the miracle not merely as an apparent breach of natural laws but as a supernatural sign manifesting divine sovereignty, sustaining hope and confirming God's revelation in Christ. Revisiting contributions from classical authors like Augustine, Calvin and Kierkegaard, as well as contemporary thinkers like C.S. Lewis, the study reaffirms, in the end, the supremacy of Scripture as the ultimate standard of faith and practice. It concludes that the miracle remains a real event, an act of God transcending historical and scientific criticism, remaining essential to Christian faith.

Keywords:

Faith; Miracle; Protestant Theology; Historical Criticism; Divine Sovereignty.

1. Introdução

O fenômeno do milagre ocupa, desde os primórdios do cristianismo, um lugar central na experiência e na reflexão teológica. Historicamente, os milagres são apresentados nas Escrituras como sinais que confirmam a mensagem divina, manifestando o poder soberano de Deus e revelando aspectos essenciais da fé cristã. Ao longo dos séculos, no entanto, a compreensão do milagre tornou-se objeto de disputas intelectuais, especialmente com o advento da crítica histórica, do pensamento iluminista e da ciência moderna. Esta tensão entre a confissão dogmática e a análise crítica motiva o presente estudo, cujo objetivo é refletir sobre o significado do milagre sem abandonar a convicção fundamental da fé cristã protestante: a de que o milagre é ato real de Deus, superior a qualquer explicação natural ou simbólica.

A partir dessa perspectiva, este artigo propõe um diálogo entre a tradição reformada, representada por autores como Calvino (1997) e Agostinho (2006), e as leituras filosóficas de Kierkegaard (2010) e C.S. Lewis (2008), sem desconsiderar as contribuições da crítica histórica e da ciência contemporânea. Busca-se demonstrar que, embora a razão humana seja instrumento legítimo para a investigação do fenômeno religioso, ela encontra seus limites ao deparar-se com a realidade do sagrado, especialmente no que diz respeito ao milagre como intervenção divina. Nesse sentido, reafirma-se a centralidade da Escritura como critério último de interpretação e discernimento.

O interesse pelo tema do milagre não se limita ao campo acadêmico ou teórico. Em comunidades cristãs ao redor do mundo, testemunhos de curas, libertações e transformações continuam a ser relatados, alimentando a esperança e renovando a fé de milhões de pessoas. Esses relatos, embora frequentemente desconsiderados pela crítica cética, permanecem como expressão viva da experiência comunitária e pessoal com Deus. Reconhecer o milagre como realidade sobrenatural não significa negar o valor da razão, mas situá-la em sua devida ordem, subordinada à revelação divina.

Este estudo se fundamenta, portanto, na convicção de que a fé cristã não exige a suspensão da reflexão crítica, mas propõe um horizonte no qual a razão encontra plenitude ao reconhecer seus próprios limites. O milagre, nesse contexto, não é um simples evento inexplicável, mas um sinal que aponta para o caráter transcendente e pessoal de Deus, que intervém na história por amor e graça. Essa abordagem permite integrar reflexão acadêmica e compromisso confessional, sem sacrificar a coerência interna da fé.

Para estruturar esta reflexão, o artigo organiza-se em sete seções: após esta introdução, examina-se o conceito de milagre na tradição cristã; em seguida, a leitura crítica e filosófica do fenômeno; a visão reformada sobre milagres; os desafios impostos pela modernidade secularizada; as questões hermenêuticas e, finalmente, reafirma-se a autoridade das Escrituras como fundamento para a compreensão do milagre. Cada etapa busca manter equilíbrio entre rigor acadêmico e fidelidade ao conteúdo bíblico.

Ao final, conclui-se que, mesmo diante do ceticismo contemporâneo, o milagre continua sendo testemunho da ação real de Deus na história, mantendo-se essencial à fé cristã. Essa conclusão não se apresenta como negação da ciência ou da crítica histórica, mas como afirmação de uma

verdade superior revelada nas Escrituras: Deus age, intervém e manifesta Seu poder em favor daqueles que creem.

2. A Fé Cristã e o Conceito de Milagre

O conceito de milagre na tradição cristã está intimamente vinculado à revelação divina e à obra redentora de Cristo. No contexto bíblico, o termo “milagre” traduz diferentes palavras originais que expressam ideia de “sinal” (σημείον, semeion) ou “maravilha” (τέρας, teras), indicando não apenas a suspensão de uma ordem natural, mas, sobretudo, um ato que aponta para algo maior: a manifestação da glória e da vontade soberana de Deus (João 2:11). Santo Agostinho (2006), ao refletir sobre os milagres, enfatizava que não são contrários à natureza, mas ao que conhecemos dela, ressaltando que toda a criação já é, por si mesma, um milagre sustentado pelo poder divino. Essa perspectiva impede a redução do milagre a mera violação arbitrária das leis naturais.

No pensamento protestante, especialmente em João Calvino (1997), os milagres têm função pedagógica e confirmatória: servem para autenticar a mensagem revelada, fortalecer a fé dos crentes e revelar a misericórdia divina. Calvino via os milagres relatados na Bíblia como manifestações extraordinárias da providência, inseridas em um plano redentor maior. Assim, não se trata de acontecimentos isolados, mas de sinais ordenados pelo próprio Deus para conduzir a humanidade ao arrependimento e à confiança em Cristo. Essa compreensão preserva o caráter transcendental do milagre sem torná-lo um espetáculo desvinculado da mensagem do evangelho.

A partir dessa base, entende-se que o milagre, na perspectiva cristã, jamais pode ser reduzido a mera curiosidade ou demonstração de poder. Ele está vinculado ao propósito salvífico de Deus e à revelação progressiva do Seu caráter. Nos evangelhos, por exemplo, os milagres realizados por Jesus não visavam apenas aliviar sofrimento físico, mas demonstrar que Ele era o Messias prometido, trazendo o Reino de Deus ao alcance dos homens (Lucas 7:22-23). Essa dimensão teológica centraliza o milagre na pessoa de Cristo, afastando-o de uma leitura mágica ou supersticiosa.

Além disso, a Bíblia apresenta os milagres como resposta à fé, embora não como sua condição absoluta. Em Marcos 6:5-6, observa-se que Jesus não realizou muitos milagres em Nazaré “por causa da incredulidade deles”, indicando que a fé abre espaço para o agir sobrenatural de Deus. Por outro lado, a ausência de milagres não anula o poder divino, mas revela um contexto em que a dureza de coração impede a experiência da graça. Essa tensão entre fé e milagre é tratada por Kierkegaard (2010) como expressão do paradoxo cristão: a fé se alimenta do sinal, mas, ao mesmo tempo, é chamada a crer mesmo sem ele.

A história da Igreja confirma que, desde os primeiros séculos, a experiência do milagre sempre foi vista como parte essencial da vida cristã. Os Pais da Igreja relatavam curas, exorcismos e intervenções extraordinárias como sinais da presença contínua de Deus entre Seu povo. Mesmo durante a Reforma, quando houve crítica a abusos e distorções, o princípio da possibilidade real do milagre não foi negado, mas reafirmado em coerência com a soberania divina e a

suficiência das Escrituras. Essa tradição protestante recusa a ideia de que Deus esteja ausente ou indiferente ao sofrimento humano.

Por fim, é importante notar que o milagre, na teologia cristã, tem sempre caráter relacional: ele revela não apenas o poder de Deus, mas também Seu amor e proximidade. Nesse sentido, a fé que busca o milagre não é motivada pela curiosidade, mas pelo desejo de comunhão com o Criador. A ação milagrosa de Deus é, portanto, testemunho da continuidade do Seu cuidado, reafirmando a mensagem central do evangelho: Deus não apenas criou o mundo, mas permanece presente, atuante e compassivo na história de cada pessoa que n’Ele confia.

3. Razão, Filosofia e Crítica Histórica

O surgimento da modernidade trouxe novos desafios à compreensão do milagre. Com o Iluminismo, a confiança absoluta na razão e na ciência passou a questionar relatos sobrenaturais como incompatíveis com o “espírito crítico” que emergia. Autores como David Hume (2009) argumentaram que o milagre seria, por definição, o evento menos provável, devendo ser rejeitado sempre que houvesse explicação natural alternativa. Essa abordagem influenciou profundamente o pensamento ocidental, gerando uma tensão permanente entre fé e crítica histórica que persiste até hoje.

Apesar de influente, a posição de Hume foi contestada por diversos filósofos e teólogos que defenderam não ser possível invalidar, a priori, toda e qualquer possibilidade de intervenção divina. C.S. Lewis (2008), em sua obra clássica “Milagres”, argumenta que negar os milagres com base apenas na suposição de que “o natural não pode ser rompido” é uma petição de princípio: parte-se do pressuposto de que Deus não existe ou não age. Se, porém, existe um Deus pessoal, transcendente e livre, nada impede que Ele intervenha em Sua criação, sem que isso destrua a ordem natural que Ele mesmo estabeleceu.

No campo da crítica histórica, especialmente a partir do século XIX, surgiram correntes que tentaram reinterpretar os milagres como lendas tardias, construídas para legitimar a fé nascente. A chamada “escola da história das religiões” via os relatos como mitos ou símbolos de realidades espirituais profundas, mas não como eventos objetivos. Essa leitura foi reforçada por correntes liberais, que buscaram adaptar o cristianismo ao espírito racionalista da época, propondo uma fé sem milagres. Essa postura, contudo, gerou esvaziamento da própria mensagem cristã, ao negar um de seus elementos centrais.

Filósofos cristãos como Kierkegaard (2010) reagiram a essa tendência, defendendo que a fé cristã implica necessariamente a aceitação do paradoxo: crer na intervenção de Deus na história, mesmo quando isso escapa à plena compreensão racional. Para ele, o cristianismo não é mera moralidade elevada, mas notícia de um acontecimento extraordinário – a encarnação do Verbo e Seus atos milagrosos, que desafiam as categorias da razão natural. Essa perspectiva resgata o caráter existencial da fé, que inclui o assentimento interior ao inacessível pela lógica.

É necessário reconhecer, contudo, que a crítica histórica trouxe contribuições importantes, ao incentivar maior rigor na análise de documentos, datas e contextos. Hoje, mesmo entre teólogos confessionais, a investigação histórica é vista como ferramenta legítima, desde que não se torne

critério absoluto acima da revelação bíblica. A hermenêutica protestante clássica entende que a Escritura interpreta a própria Escritura, mantendo a primazia do texto sagrado sobre quaisquer hipóteses construídas externamente.

Em síntese, a relação entre razão e fé não precisa ser de oposição, mas de complementaridade ordenada. A fé cristã não se estabelece contra a razão, mas também não pode ser reduzida a ela. O milagre, nesse horizonte, continua sendo possível e real não porque contradiz a ciência, mas porque provém de um Deus que transcende e sustenta toda ordem criada. É nesse ponto que a crítica histórica encontra seu limite: ela pode questionar, analisar e contextualizar, mas não pode anular a soberania divina nem o testemunho das Escrituras.

4. O Milagre na Tradição Protestante

A tradição protestante, nascida no século XVI a partir das teses de Martinho Lutero, sempre preservou o reconhecimento dos milagres como parte da ação soberana de Deus, embora tenha se distanciado de abusos e superstições que surgiram ao longo da história da cristandade. Para reformadores como João Calvino (1997), o milagre deveria ser compreendido essencialmente como confirmação da Palavra revelada, e não como espetáculo isolado ou instrumento de manipulação religiosa. Nesse sentido, Calvino via os milagres como parte da providência divina, destinados a fortalecer a fé e autenticar a mensagem do evangelho. Tal perspectiva não negava a realidade dos milagres, mas os reinseria no seu devido contexto bíblico e teológico.

Ao criticar a excessiva valorização de relíquias e relatos sem fundamento na Escritura, os reformadores reafirmaram a suficiência da Bíblia como critério para reconhecer o que é de fato sinal divino. Essa postura evitava que a fé fosse construída sobre tradições humanas ou sobre expectativas de manifestações extraordinárias contínuas. No entanto, não houve uma negação da possibilidade de milagres posteriores aos tempos apostólicos. Lutero e Calvino admitiam que Deus, em Sua soberania, poderia operar milagres a qualquer tempo, mas sempre segundo Sua vontade e não como resposta mecânica à vontade humana.

Nos séculos seguintes, as igrejas protestantes mantiveram, em geral, uma posição equilibrada entre a crença no poder sobrenatural de Deus e o cuidado de não transformar a fé num culto ao extraordinário. Essa tensão aparece, por exemplo, nas reflexões de autores reformados que, mesmo admitindo os milagres, alertavam para o risco de centralizar a vida espiritual apenas na busca de sinais. A fé, ensinavam, deve fundamentar-se na confiança na Palavra de Deus, que permanece mesmo quando milagres visíveis não acontecem (Hebreus 11:1).

Por outro lado, é impossível ignorar que, na história protestante, especialmente entre os movimentos de avivamento e pentecostais, houve redescoberta vibrante da expectativa pelo milagre. O avivamento do século XVIII, na Inglaterra e nos Estados Unidos, trouxe novos relatos de curas e experiências sobrenaturais. No século XX, com o surgimento do pentecostalismo, essa ênfase cresceu ainda mais, com comunidades inteiras testemunhando milagres como parte da vida de fé. Essa redescoberta não foi uma ruptura completa com a tradição reformada, mas uma renovação da confiança de que Deus continua a agir.

Na teologia protestante contemporânea, muitos autores têm buscado reconciliar crítica acadêmica e experiência comunitária do milagre. Jurgen Moltmann (2002), por exemplo, defende que os milagres de Cristo são sinais do Reino de Deus que irrompe na história, antecipando a restauração final de todas as coisas. Essa compreensão amplia o sentido do milagre para além do evento pontual, vendo-o como anúncio profético da redenção universal. Ainda assim, mantém-se a convicção de que tais sinais são reais e não meramente simbólicos.

Portanto, na tradição protestante, o milagre conserva dupla função: confirma a veracidade da mensagem revelada e serve de testemunho do amor e da compaixão divinos. Essa perspectiva preserva a integridade da fé, evitando tanto o ceticismo absoluto quanto a idolatria dos sinais. Em última instância, o milagre, na visão reformada, não é fim em si mesmo, mas aponta sempre para Cristo, autor e consumidor da fé (Hebreus 12:2), reafirmando a centralidade da cruz e da ressurreição como o maior de todos os milagres.

5. Ciência, Secularização e Desafios Contemporâneos

O avanço científico, especialmente a partir do século XIX, transformou profundamente a maneira como as sociedades compreendem o mundo e os fenômenos considerados sobrenaturais. A consolidação da metodologia científica, baseada na observação empírica e na experimentação repetível, contribuiu para o desenvolvimento tecnológico sem precedentes. Contudo, esse progresso também reforçou uma visão de mundo naturalista que tende a excluir, por princípio, qualquer intervenção sobrenatural. Nesse cenário, o milagre passa a ser visto como incompatível com o conhecimento moderno, sendo relegado ao campo da superstição ou da ignorância.

O processo de secularização, que avançou de modo desigual nas diversas culturas, contribuiu para marginalizar o discurso religioso no espaço público. A fé, que outrora organizava toda a visão de mundo de sociedades cristãs, passou a ser compreendida como escolha privada, muitas vezes irrelevante para o debate racional. Nesse contexto, a doutrina cristã do milagre encontrou resistência crescente, sendo criticada como resquício de mentalidade pré-científica. A tentativa de conciliar fé e ciência, portanto, tornou-se um dos grandes desafios para teólogos, filósofos e líderes cristãos contemporâneos.

Apesar dessas pressões, muitos estudiosos argumentam que ciência e fé não são domínios concorrentes, mas complementares quando cada uma permanece em seu próprio campo. Enquanto a ciência descreve como os processos naturais ocorrem, a teologia busca compreender por que existem, qual é seu sentido último e quem os sustenta. Nesse sentido, o milagre não é negado pela ciência: ele simplesmente não se enquadra em seus métodos, pois é, por definição, um ato livre de Deus que transcende a repetição e a previsibilidade exigidas pelo método científico.

Essa distinção aparece claramente em autores como C.S. Lewis (2008), que argumenta que a intervenção divina não destrói a ordem natural, mas introduz uma nova causa dentro dela. Assim, um milagre não seria uma violação irracional, mas a ação de uma vontade superior que

detém o poder de intervir na criação que Ele mesmo sustenta. Essa concepção reafirma que o milagre não contraria a razão em si, mas apenas as expectativas de um sistema fechado que exclui, de antemão, a possibilidade de Deus agir.

Na prática pastoral, o ceticismo moderno representa desafio concreto: muitos cristãos sentem-se pressionados a relativizar ou reinterpretar os milagres bíblicos como meras metáforas, para não parecerem ingênuos diante da sociedade. Tal postura, embora compreensível no ambiente acadêmico plural, traz riscos profundos para a teologia cristã. Se o milagre é reduzido a símbolo subjetivo, perde-se o caráter histórico da revelação e da encarnação de Cristo, fundamento da fé cristã. A ressurreição, por exemplo, é proclamada como evento real, não apenas como ideia poderosa (1 Coríntios 15:14).

Por isso, mesmo reconhecendo as contribuições do saber científico, o cristianismo protestante mantém, com serenidade, a convicção de que Deus continua a agir de modo soberano. Essa fé não exige a negação da ciência, mas recusa submetê-la ao reducionismo materialista que nega, de antemão, tudo o que não se encaixa em seus métodos. O milagre, nesse horizonte, continua sendo expressão do amor divino que surpreende, cura e transforma vidas, permanecendo essencial ao testemunho cristão no mundo contemporâneo.

6. Entre a Hermenêutica e o Dogma: a Interpretação do Milagre

A interpretação dos milagres bíblicos sempre esteve no centro do debate teológico, especialmente a partir do surgimento da crítica histórico-literária. Esse método, surgido no século XVIII, buscou analisar os textos sagrados como documentos históricos, considerando autor, data, contexto sociopolítico e intenção do redator. Embora tenha trazido importantes avanços para a compreensão do contexto bíblico, também levantou questionamentos sobre a historicidade de muitos relatos milagrosos, propondo que seriam construções simbólicas para comunicar verdades espirituais. Tal leitura tensionou o equilíbrio entre a fé na realidade histórica do milagre e a análise crítica do texto.

Na tradição protestante reformada, a hermenêutica bíblica parte do princípio da inspiração das Escrituras (2 Timóteo 3:16), que garante não apenas sua autoridade doutrinária, mas também a veracidade histórica essencial de seus relatos. João Calvino (1997) enfatizava que a Bíblia interpreta a própria Bíblia, e que as partes mais obscuras devem ser compreendidas à luz das mais claras. Essa abordagem busca respeitar a unidade interna do texto, evitando reduzi-lo a produto exclusivo de seu tempo. Assim, os milagres são lidos como atos reais de Deus, integrados ao plano da redenção, e não meras ilustrações de verdades morais.

Por outro lado, mesmo teólogos protestantes reconhecem que o gênero literário influencia a maneira de compreender os milagres. Por exemplo, há diferenças entre os relatos dos Evangelhos, os Salmos poéticos ou as visões apocalípticas de João. Essa sensibilidade hermenêutica evita interpretações literalistas que desconsideram metáforas, hipérboles ou estilos próprios de cada autor. Contudo, permanece a convicção de que, nos Evangelhos e em Atos, os milagres são narrados como eventos históricos que confirmam a identidade messiânica de Jesus e a ação do Espírito Santo na Igreja nascente.

Filósofos cristãos como Kierkegaard (2010) lembram que a fé é sempre necessária para reconhecer o milagre como tal. O mesmo fato que para o crente é sinal da intervenção divina pode ser explicado pelo cético como coincidência ou fenômeno natural raro. Essa dimensão subjetiva, contudo, não anula a realidade objetiva do milagre, mas indica que ele não se impõe como evidência matemática: exige abertura do coração e disposição para crer. Por isso, o milagre não é argumento definitivo para convencer quem rejeita a fé, mas sinal para fortalecer os que buscam a Deus com sinceridade.

A hermenêutica reformada, portanto, equilibra crítica e confissão: admite perguntas, busca entender contextos e estilos literários, mas recusa relativizar a verdade revelada. Essa posição evita tanto o fideísmo cego, que rejeita qualquer investigação, quanto o ceticismo radical, que transforma o texto bíblico em mera construção simbólica humana. Ao fim, prevalece a convicção de que Deus age na história, e que os milagres relatados nas Escrituras são testemunhos verídicos desse agir, revelados para que os homens creiam em Cristo (João 20:31).

Essa abordagem permite que o milagre permaneça essencial à fé cristã sem se transformar em superstição ou mito. Lido à luz da Bíblia como um todo, ele aponta para a soberania divina, confirma o evangelho e anuncia a esperança escatológica. Em última análise, é o Espírito Santo quem ilumina o coração para compreender e crer, superando as limitações do olhar puramente crítico. Desse modo, a hermenêutica protestante não nega a ciência nem a crítica, mas as submete ao juízo superior da revelação, mantendo o milagre como sinal real da graça de Deus.

7. Conclusão: A Bíblia como Autoridade Suprema e o Milagre como Ato Real de Deus

A reflexão sobre o milagre, ao longo deste artigo, percorreu o diálogo entre fé, filosofia, crítica histórica e ciência, mostrando a complexidade do tema na tradição cristã. Observou-se que, embora a crítica moderna tenha questionado a possibilidade de eventos sobrenaturais, a fé cristã protestante preserva a convicção de que Deus age na história de modo real e soberano. Essa convicção não decorre de desprezo pela razão, mas da crença de que ela, por si só, não é capaz de abarcar o mistério da graça divina revelada nas Escrituras.

Autores clássicos como Agostinho (2006), Calvino (1997) e Kierkegaard (2010) reforçam que o milagre não é violação arbitrária da ordem criada, mas expressão do amor de Deus que intervém por razões maiores que o entendimento humano. Para C.S. Lewis (2008), a negação dos milagres costuma partir de uma visão de mundo fechada ao transcendente, e não de prova conclusiva contra eles. Assim, manter a possibilidade do milagre não implica rejeitar o saber científico, mas afirmar que existe um Deus vivo, livre e soberano.

A tradição protestante, ao longo dos séculos, procurou preservar essa tensão saudável: reconhecer a legitimidade da crítica e da investigação histórica, sem abrir mão da centralidade da revelação bíblica. O milagre, nesse contexto, é mais do que fato extraordinário: é sinal que confirma a Palavra, edifica a fé da comunidade e manifesta a compaixão divina. Quando lido à luz das Escrituras, o milagre se revela não como mito ou metáfora vazia, mas como ato real do Deus que continua a agir.

No mundo contemporâneo, marcado pelo ceticismo e pela secularização, reafirmar o milagre como intervenção divina torna-se testemunho corajoso. Significa proclamar que a realidade última não se esgota no que é visível ou mensurável, mas se abre ao infinito do mistério divino. Essa proclamação encontra fundamento não apenas em argumentos filosóficos ou históricos, mas na confiança de que “Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e eternamente” (Hebreus 13:8).

Ao concluir, reitera-se que, para a fé cristã protestante, a autoridade suprema é a Bíblia, que apresenta o milagre como parte essencial da revelação de Deus. A crítica histórica e a ciência têm valor, mas não são o critério final de verdade. É no testemunho das Escrituras, iluminado pelo Espírito Santo, que o cristão reconhece o milagre como sinal real da presença e do amor divino. Essa confissão, longe de negar a razão, a transcende, afirmando que Deus continua a agir, a transformar vidas e a confirmar Sua Palavra.

Dessa forma, mesmo em tempos de dúvida, o milagre permanece como expressão da esperança cristã: Deus não é uma ideia abstrata, mas o Senhor vivo que intervém, cura, liberta e salva. Essa é a certeza que sustenta a fé do cristão e que dá sentido à proclamação do evangelho até os confins da terra.

Referências

AGOSTINHO, Santo. *A cidade de Deus*. Tradução: Oscar Paes Leme. São Paulo: Paulus, 2006.

BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada. 2. ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.

CALVINO, João. *As Institutas da Religião Cristã*. Tradução: Waldyr Carvalho Luz. 2. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

HUME, David. *Investigação sobre o entendimento humano e sobre os milagres*. Tradução: Rodrigo Guerizoli. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

KIERKEGAARD, Søren. *O desespero humano e a fé*. Tradução: Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEWIS, Clive Staples. *Milagres*. Tradução: Gabriele Greggersen. 4. ed. São Paulo: Editora Vida, 2008.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. Tradução: Flávio C. Irala. 2. ed. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

PAUL TILLICH. *Teologia Sistemática*. Tradução: Luiz Carlos Ramos. São Leopoldo, RS: Editora Sinodal, 2010.

PLANTINGA, Alvin. *Deus, liberdade e o mal*. Tradução: Valter Steuernagel. São Paulo: Vida Nova, 2010.

RICHARDSON, Alan. *Teologia Contemporânea*. São Paulo: ASTE, 1998.